

Duda Santos em 'Funk',
que arrebatou o público
no Festival de Tribeca

#cm

2

TERÇA-FEIRA

Vincent Rosenblatt/Divulgação

PROIBIDÃO É NÃO APLAUDIR

Cinema brasileiro

chacoalha Nova York,

levando o batidão da periferia –

e o **talento da atriz Duda Santos –**

ao Festival de Tribeca com 'Funk', saga de superação

de uma **MC do Morro dos Prazeres** que vira peça fundamental

para a **consagração mundial do diretor baiano** e radicado no Paraná

Aly Muritiba, que conversa com o Correio da Manhã sobre sua arte. Página 2.

ENTREVISTA | **ALY MURITIBA**

CINEASTA



Vincent Rosenblatt/Divulgação

‘O Funk tá cheio de gente que, de dia, faz seus corres pra na noite poder viver sua arte’

Aly Muritiba nasceu na Bahia, radicou-se no Paraná, trabalhou como carcereiro e hoje brilha em Tribeca

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Dois meses depois de entregar o belíssimo “Barba Ensoxada de Sangue” ao circuito exibidor de todo o país, Aly Muritiba vai busca o aplauso do Festival de Tribeca (em sua edição de 25 anos), em Nova York, expandindo em âmbito mundial a ocupação de tela (e a consagração) do cinema brasileiro com o que periga ser melhor filme: “Funk”. Mais do que respaldada por seu êxito na TV, a atriz Duda Santos explode agora em telas dos EUA, num longa-metragem que une grifes como a de Heitor Dhalia e Manoel Rangel na produção, no papel da MC Sabrina. No Morro dos Prazeres, ela peita todo o sexismo que existe dentro e fora dos bailes para se firmar como nova ave canora funkeira, ainda que sua mãe, Priscilla (vivida por MC Nem) lhe sirva como âncora, no modo afetivo e na vida profissional, numa relação tensa. No papo a seguir, o diretor de cults como “Para Minha Amada Morta” (2015) e “Deserto Particular” (2021), explica o Rio do longo.

Existe na saga de Sabrina com a rota de autoafirmação no gogó do “funk putaria” uma linha narrativa que poderia se estender a sagas de superação do pobre contra o mundo, de “Rocky, Um Lutador” (1976) a “The Last Showgirl” (2024), passando por “8 Mile – A Rua das Ilusões” (2002). O quanto você reconhece dessa genealogia cinéfila? O quanto Sabrina se articula na linhagem do “heroísmo do rendimento”,

tradição de personagens que driblam a pobreza com a sua destreza?

Aly Muritiba - Se pensarmos nos personagens vividos por Stallone em “Rocky” e Eminem em “8 Mile”, a gente logo identifica sujeitos ordinários, mas com um talento muito específico que os torna extraordinários. Esses personagens se agarram nesse talento e usam-no para enfrentar uma realidade dura. São personagens de certo modo vira-lata (os norte-americanos têm toda uma tradição de protagonistas underdogs), meio autodestruti-

vos, carregando uma certa revolta, e tudo isso é combustível para que eles superem as dificuldades que vão aparecendo. E tudo que descrevo acima pode ser aplicado à figura de Sabrina. Uma coisa que me fascina nessa personagem da Duda Santos é que ela pode ser a moça que te atendeu no balcão de um bar ao meio dia, alguém em que você talvez nem tenha prestado atenção, uma dessas trabalhadoras invisibilizadas, mas que quando pega o microfone e solta sua rima, transforma-se numa baita artista, dessas que te faz se perguntar “de onde saiu esse talento todo?”. O Funk tá cheio de gente assim. Gente que de dia trabalha, faz seus corres, pra na noite poder viver sua arte.

De que maneira o funk marca a tua vida? Há intimidade com esse universo melódico?

Talvez soe estranho vindo de um baiano que morou tanto tempo em Curitiba, mas a verdade é que eu amo Funk, Rap e Trap. São gêneros musicais que não saem da minha playlist. Mas só fui me aproximar desses gêneros nos anos 2000. Primeiro pelo Rap, que me levou ao Trap, que me levou ao Funk. Eu sou

um sujeito extremamente musical. Tudo que faço, faço ouvindo música. A Fernanda, minha companheira, diz que eu sou um Spotify ambulante com botão random ligado o tempo todo. E Funk eu ouço pra correr e malhar. É o ritmo que me energiza, sabe?

De que forma (realista) o teu “Funk” pode ser visto (também) como um musical?

Gosto de pensar no meu filme com um drama musical, sim. O filme é repleto de músicas, muitas delas comentando a cena. Tem vários números de dança também, então, sim, gosto de pensar que fiz um musical. Mas também gosto de pensá-lo como um anti-favela movie, porque fiz um filme que, ao invés de mostrar o povo favelado sofrendo, matando e morrendo, fiz um filme em que os vemos dançando, gozando, vivendo.

E como se deu a colaboração de Duda Santos e MC Nem na consolidação da dramaturgia, para além do que trazem na condição de atrizes?

Foi uma coisa muito linda co-

locar essas duas mulheres tão talentosas para colaborar. Tanto Nem, quanto Duda vem do universo periférico. Ambas nasceram e cresceram em comunidades cariocas, mas em décadas diferentes. Duas mulheres negras que enxergaram na arte a sua maneira de ser no mundo. Uma enveredou pelo mundo da música, a outra para a atuação. E aí, quando as duas se encontraram, foi um processo muito bonito, com a Nem ensinando a Duda as manhãs do Funk, e a Duda auxiliando a Nem na atuação. Foram dois meses de preparação para que enfim Sabrina e Priscila pudessem existir no mundo.

Como você e o diretor de fotografia Inti Briones captaram a vibe dos bailes?

A gente foi pros bailes. Foi um exercício de observação, imersão. A gente queria muito que o filme soasse como um baile funk. Mas que fosse um baile funk real. Nosso desejo era que a massa funkeira visse o filme e dissesse “porra, é assim mesmo”. Para isso a gente teve que ir para os bailes. Desse exercício de observação nasceu a linguagem do filme, que vai do registro documental ao videoclipe numa mesma sequência.

O que a geografia do Morro dos Prazeres dá ao filme?

Se pensarmos nas imagens que se produz sobre o Rio de Janeiro, notaremos que a maioria deles tem um ponto de vista que parte do asfalto para o morro. Quantas imagens aéreas a gente vê cotidianamente começando na Zona Sul carioca e chegando à alguma favela? Inúmeras, não é? Nessas imagens o morro é, comumente, pano de fundo. Eu fiz exatamente o oposto. Por que meu filme é do morro pro asfalto. Por isso eu escolhi os pontos mais altos do Prazeres, que tem umas das vistas mais lindas do Rio, para filmar, colocando o espectador no lugar do morador do morro. No ponto de vista do trabalhador, da trabalhadora que acorda e vai dormir com aquela vista todos os dias.

Na sua topografia tipográfica de modos de se viver num país de selvagerias, que vai de “A Gente” (2013) ao recém-lançado “Barba Ensoxada de Sangue”, que espaço heroico (ou anti-heroico) a Sabrina de Duda Santos ocupa? Pós Tribeca, para onde vai com o filme?

Sabrina é uma força. Uma potência. Uma mulher negra que abre caminhos, que não se rende, que não arrega, que não “deita” pra ninguém. Ela representa inúmeras mulheres periféricas brasileiras que lutam e vencem. Nesse sentido, ela é uma espécie de heroína.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Mimimi não é com os Wayans, clã composto por 15 artistas conectados com a luta antirracista, que, no último fim de semana, emplacou uma vitória histórica em Hollywood... e bem no auge da Summer Season (a temporada de filmes de verão dos EUA, lotada de superproduções)... ao derrotarem o badalado (mas esquizofrênico) longa-metragem do He-Man. O atual “Mestres do Universo” perdeu para uma comédia que é violentíssima com a caretice: “Todo Mundo Em Pânico”.

Com o mesmo título (até no original, em inglês: “Scary Movie”) da chanchada que os consagrou, há 26 anos, a empreitada mais autoral da Família Wayans custou US\$ 30 milhões e embolsou US\$ 106 milhões em apenas quatro dias, de quarta até domingo. Chegaram a essa marca no mesmo fim de semana em que a indústria hollywoodiana emplacou seu primeiro bilhão de 2026: a animação “Super Mario Galaxy”.

Já “The Masters of the Universe”, mesmo com Garcia Júnior gritando “Eu tenho a força!” nas cópias dubladas do Brasil, pastou na grama da indiferença, prejudicado pela necessidade atávica de seus roteiristas em implementar piadinhas contra a representação masculina e contra o próprio desenho animado (de 1983) do qual se deriva. Gastou cerca de US\$ 170 milhões para sair do papel (algumas fontes falam em

Fatura a liberdade

Novo ‘Todo Mundo Em Pânico’, comemorativo dos 26 anos da franquia dos irmãos Wayans, ganha de lavada do longa do He-Man, apostando no escracho contra a ‘correção política’



Os Wayans mandam o f... para correção política festejando o êxito da mais nova versão de ‘Todo Mundo Em Pânico’

US\$ 200 milhões), mas arrecadou só US\$ 54 milhões.

Enquanto o He-Man chegou cercado de discursos pavimentados

pelos patrulhas da correção política (as mesmas que esmagaram o fôlego das produções cômicas), o novo “Scary Movie” se

besunta na anarquia, pisando pesado no acelerador do deboche, sem poupar a esquerda, a direita, o centro, os Republicanos e os

Democratas de ataques. O nome do longa segue fazendo troça com a franquia “Pânico” (1996-2026), mas os Wayans estendem sua metralhadora para outros sucessos do terror, como “Corra!”, “Longlegs”, “M3GAN”, “A Hora do Mal” e “Terrifier”.

O oceano de palavões no script e a aposta em heróis tortos, como o maconheiro profissional Shorty (papel de Marlon Wayans, do fenômeno “As Branque-las”), valeu à produção saravadas de críticas azedas. Esse azedume entre resenhistas americanos e o nariz torcido da ala woke só fizeram fomentar a procura do público pelo novo “Todo Mundo Em Pânico”, que é hilário.

Na trama, a vítima preferida do assassino serial Ghostface, Cindy Campbell (Anna Faris), vive em reclusão, encachando a “caveira”, numa casa repleta de rifles e de armadilhas, à espera de seu ferrabrás. Quando sinais de que ele está vivo, ativo e sangrento se fazem notar, a turma de Cindy, formada por um paciente de uma cura gay (fracassada), Ray Wilkins (Shawn Wayans), e os irmãos Shorty e Brenda Meeks (Marlon e Regina Hall), reaparecem para ajudá-la.

Outro filme que celebra a força da cultura negra no cinemão ocupa considerável destaque no pódio das bilheterias internacionais: “Michael”, de Antoine Fuqua. A cinebiografia do cantor Michael Jackson (1958-2009), ambientada entre a segunda metade dos anos 1960 e 1986, já arrecadou US\$ 888,6 milhões, ocupando o segundo lugar na raia dos maiores faturamentos do ano âmbito cinematográfico. “Dia D”, de Steven Spielberg, chega a ela nesta quinta, com fome.

Esquenta do Dia dos Namorados no Estação

O ultrarromântico ‘Uma Linda Mulher’ é destaque de semana repleta de títulos para se ver a dois, no maior love

Batizada em referência a um sucesso de público e crítica de Arnaldo Jabor (1950-2022), o “Eu Sei Que Vou Te Amar” (1986), responsável por premiar Fernanda Torres em Cannes, a mostra do Grupo Estação organizada em torno do Dia dos Namorados volta a mobilizar o Rio, numa se-

gunda edição que abre telas nesta terça-feira, num “esquenta” para o 12 de junho. Abre com “Conto de Verão” (1986), de Éric Rohmer (1920-2010), no Estação Rio, e com o oscarizado “Aconteceu Naquela Noite” (1934), de Frank Capra (1897-1991), no Estação Gávea, ambos às 14h.



Olhe para seu benquerer como Julia Roberts e Richard Gere se miravam em ‘Uma Linda Mulher’, esta noite no Estação Gávea

A pedida da noite, no complexo de Botafogo, é “Anjos Caídos” (1995), de Wong Kar-Wai, en-

quanto a boa do cine lá da Marquês de São Vicente (nº 52) é “Uma Linda Mulher” (1990), com o “Pretty Woman” de Roy Orbison (1936-1988) a embalar Julia Roberts e Richard Gere.

Para a festa dos pombinhos, nesta sexta, às 14h, a sala da Vo-

luntários da Pátria nº 35 vai de Luchino Visconti (1906-1976) e suas “Noites Brancas”, lá de 1957. Já o Shopping da Gávea entra em campo, às 21h, com “Um Caminho Para Dois” (1967), estrelado por Audrey Hepburn (1929-1993) e Albert Finney (1936-2019), que valeu a Concha de Ouro do Festival de San Sebastián, na Espanha, a Stanley Donen (1924-2019).

Para segunda-feira, no Estação Rio de Botafogo, os apaixonados que renovarem seus votos de amor nesta sexta estão convidados a revalidar o benquerer com “Bar Esperança – O último que fecha” (1983), às 21h. É um dos maiores filmes do Brasil na década de 1980, assinado por Hugo Carvana, poeta das telas que, há 12 anos, cometeu a indelicadeza de deixar este mundo sem pedir licença à saudade da gente. Ele e Marília Pêra (1943-2015) tacam fogo no lirismo na história de um casal – ela, atriz; ele, roteirista – que busca a redenção. (R. F.)

Tesouros pianísticos

Isabela Espindola/Divulgação

Segundo álbum de Julie Wein reúne composições de clássicos da MPB com o piano como protagonista e inclui participações de Francis Hime e Ivan Lins

AFFONSO NUNES

E Apesar de ser um instrumento geralmente associado à música de concerto, o piano tem uma história marcante na canção popular brasileira — uma tradição que sempre se renova como no álbum “Pianos e Canções”, segundo álbum de Julie Wein, cantora, compositora, atriz, pianista e doutora em Neurociências pela UFRJ. A artista adentra nessa rica memória musical ao selecionar um repertório que reúne composições de mestres como Johnny Alf, Tom Jobim, Ivan Lins e Benito di Paula.

O Rio de Janeiro chegou a ser apelidado de “Pianópolis” em outras épocas, quando o instrumento era elemento fundamental nas composições de seus maiores artistas. “Este disco nasce do desejo de celebrar a tradição do piano popular brasileiro, através de artistas que tiveram o instrumento como elemento essencial de suas obras”, afirma Julie. A seleção do repertório, portanto, é um “mergulho na memória afetiva e um resgate da pluralidade que fundamenta a nossa identidade musical”.

O álbum reúne “Retalhos de Cetim” (Benito di Paula), “Rapaz de bem” (Johnny Alf), “Olha Maria” (Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Chico Buarque) e “Balada do Louco” (Arnaldo Batista e Rita Lee). Dois dos compositores homenageados dividem os vocais com Wein: Francis Hime em “Trocando em Miúdos” (parceria de Hime com Chico Buarque de 1977), e Ivan Lins em “Bilhete” (Ivan Lins e Vitor Martins).

Gravar com os dois teve um significado especial para Julie. “Eles fazem parte da minha formação musical desde muito cedo. São compositores que me ensina-



Ivan Lins e Julie Wein no estúdio da Viscoito Fino onde gravaram ‘Bilhete’

Isabela Espindola/Divulgação



Julie Wein e Francis Hime durante a gravação de ‘Trocando em Miúdos’

Divulgação



“Este disco nasce do desejo de celebrar a tradição do piano popular brasileiro, através de artistas que tiveram o instrumento como elemento essencial de suas obras”

JULIE WEIN

ram diferentes formas de pensar o piano dentro da canção brasileira”, pontua.

O álbum inclui ainda a faixa autoral “Homem Virtuoso”, composta por Wein e Matheus Prevot. A canção traz, do ponto de vista feminino, o arquétipo do homem virtuoso, mostrando o protagonista em situações de poder, vaidade e contradição. “Agora, é a mulher quem canta e ironiza o homem que tenta manter seu trono moral. A obra propõe reflexão, mas sem perder a leveza, o humor e a potência poética”, destaca a compositora, que já participou de espetáculos musicais como atriz e cantora.

Com direção e produção musical de Jorge Helder (também no baixo), “Pianos e Canções” é mais um capítulo da história de Julie com a gravadora Biscoito Fino, que também lançou seu ótimo álbum de estreia, “Infinitos Encontros”, em 2020.

Empolgada com o resultado deste “Pianos e Canções”, Julie Wein planeja produzir novos volumes, gravando compositores como João Donato, Marcos Valle, Guilherme Arantes, Eduardo Dusek, Flávio Venturini, Arrigo Barnabé, Tania Maria e Angela Ro Ro. A julgar pelo que ela consegue entregar neste álbum, a promessa precisa virar obrigação.

CRÍTICA DISCO | PURA RAZÃO DO SENTIDO

POR AQUILES RIQUE REIS*

O talento de uma
grande cantora

Chama-se alma o que carece de imagem. Assim, música é a roupa da alma. Vestida de acordes, ritmos, mínimas e semibreves, a alma se põe no mundo. A música ressignifica a alma, conferindo-lhe o andamento. Uma alma pelada é como o calor sem sol, a sede sem água ou a fome sem comida. Vestida para festa, a alma brilha sob o som da música que supre a sua essência. Alma é dor sem subterfúgios, a emoção escancarada da visão atemorizada do futuro.

A arte da pianista, compositora e cantora mineira Selmma Carvalho é a alma vestida para festa. Sua voz representa o manifesto da mulher em toda plenitude. Ouvi-la é como deixar-se ficar em contrição, aguardando o penúltimo compasso. As músicas que ela canta vestem sua alma com seda pura.

O repertório bem selecionado, com nove músicas, é sustentado pela genialidade de Paulo Santos, ex-integrante e líder do grupo mineiro Ukakiti, que pôs a alma a serviço de Selmma.

Duas faixas que, dentre tantas outras, me tocaram.



Paulo Santos com Selmma Carvalho: o fundador do Uakti assina a produção e os arranjos de 'Pura Razão do Sentido'

“Você e Eu” (Sérgio Moreira): a marimba de vidro de Paulo Santos traz uma atmosfera etérea ao samba reggae que inicia lento e logo acentua a pegada, o que dá a Selmma o poder de brilhar no suingue resultante da potência rítmica do arranjo.

“A Gente é Mulher” (Carlos Careqa): com sua voz de mulher que sabe o que quer, e diz, Selmma se vale da música do Carlos para se posicionar. O início mântico ante-

cede a entrada da guitarra de André Cabelo. Novamente as marimbas e a percussão reverberam o arranjo.

Meu Deus, o que é a voz dessa mulher que traz a alma na boca e na mão? Absolutamente diferenciado,

seu timbre é o ponto alto das interpretações que nos chegam afinadas, emocionadas e com límpida dicção.

Bem, eu até gostaria que a mixagem a trouxesse um pouco mais à frente, pra mó de ouvi-la melhor. Mas nada que prejudique a sua alma. Ouça o trabalho completo em <https://sl1nk.com/6neezss>.

Instrumentistas

Selmma Carvalho: voz, piano



e vocais; Paulo Santos: programação digital, vibrafone, marimba de vidro, marimba de angelim, tambor sírio, caixa clara, surdo, timba, darbuka, pau de chuva, tambor d'água, trilobita, pandeiro de coxa, couros do MST, garrafas sopradas, água percutida, tamborim; surdo, triângulo e congas; Tunico Villani, Corisco, Rafael Zavagli, Lisa Santos, Rogério Sam e Josefina Cerqueira: percussões; Richard Neves: viola caipira, baixo e instrumentos digitais; Rafael Pimenta: violão, violão base, ukulele, violão de náilon, cavaquinho e violão 7 cordas; Bruno Pimenta: flautas; Susane Carvalho e Simone Carvalho: vocais; Rafael Zavagli: cavaquinho; Milton Ramos: baixo acústico; Corisco: guitarra.

Ficha técnica

Selmma Carvalho: produção executiva e direção artística; Paulo Santos: arranjos e direção musical; André Cabelo: gravação, mixagem e masterização; Felipe Fantoni: gravação do violão nylon (duas faixas); Miguel Aun: fotos; Otávio Bretas: projeto gráfico.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

**Guia de delícias cariocas**

A banda Luiz a As Consequências De Suas Escolhas lança o single “Roteiro Do Rolê” nas plataformas digitais. Com influências de indie rock, a faixa funciona como um atraente guia sonoro pelos pontos badalados do Rio de Janeiro. Formada por Luiz Lopez (guitarra e voz), Pedro Herzog (baixo) e Rike Frainer (bateria), a banda se consolidou após tocar com Erasmo Carlos. O single antecipa o álbum de estreia “Plural”, previsto para breve, misturando música brasileira com indie pop e letras do cotidiano.

**Dupla de singles**

Breno Góes lança o single duplo “Dobra 3”, terceira faixa de uma série de seis que antecipam seu álbum “Dobra”. A cantora Clarissa Paranhos, esposa do artista carioca, participa em “Apothèke” e divide vocais em “Espada De São Jorge”, faixa que se destaca pela nítida influência de Jorge Ben. Já “Apothèke” - escrita no auge da pandemia - é uma declaração de amor que o compositor faz a dois espaços que lhe são muito caros: as bibliotecas e os botequins. Todos os singles saem pelo selo Caravela Records.

**Som ‘simples e sincero’**

Renan Guerra lança o curta-metragem musical “Artista”, dirigido pelo próprio cantor carioca e filmado no Rio e em Nashville (EUA). O projeto apresenta cinco composições que transitam entre pop, neo-soul, blues rock e sertanejo, refletindo o gosto eclético do artista. “Broadway” conta com músicos estadunidenses, enquanto “Eu Acordei”, parceria com o produtor Michael Sullivan, encerra o filme com um pop romântico. Guerra define seu som como “simples e sincero”. O EP com a trilha sonora está nas plataformas digitais.

CORREIO CULTURAL



Fabio Rebelo/Divulgação

Daniel de Oliveira, Luisa Arraes e Samantha Jones estrelam longa

Jorge Furtado volta às telas com 'Muito Prazer'

Depois de transformar a precariedade de uma pequena comunidade tentando produzir um filme em um dos retratos mais hilários e afiados do Brasil contemporâneo em "Saneamento Básico, o Filme", e de assinar clássicos do cinema nacional como "O Homem que Copiava" e "Ilhas das Flores", o cineasta Jorge Furtado volta aos cinemas com uma história sobre desejo e algoritmos.

"Muito Prazer" chega aos cinemas de todo o país em agosto e acaba de divulgar seu trailer. Estrelado por Luisa Arraes ("Grande Sertão"), Daniel de Oliveira ("Cazuza") e Samantha Jones ("Renascer"), o filme acompanha um trio que tenta salvar um motel decadente em plena era digital, um mundo onde os algoritmos entregam todas as fantasias sem que ninguém precise sair de casa.

Luto nas letras

A escritora, ativista quilombola e liderança comunitária Rosemary Alvares de Souza, conhecida como Dona Rosinha, morreu na última semana, aos 67 anos, em Itabira (MG). Autora de "Memórias do Meu Quilombo" (Pallas, 2025), ela transformou em livro as lembranças, histórias e experiências construídas ao longo de décadas no Quilombo Santo Antônio, comunidade onde viveu e atuou em defesa dos direitos de sua população. A autora também integrou a rede nacional de enfrentamento à violência contra mulheres.

Músico eclético

Luciano Camara Trio apresenta nesta terça-feira (9), às 19h, no Arte Sesc Flamengo, show instrumental pautado por estilos latentes na formação do violonista como o choro, o jazz e o flamenco. O músico vai incluir no repertório faixas do seu primeiro álbum solo. Grátis.

Atrações

Prêmio BTG Pactual da Música Brasileira anuncia line-up com Seu Jorge, Ludmilla, Ney Matogrosso, Marina Sena, Luísa Sonza e outros grandes nomes da música em homenagem a Cazuza. A cerimônia reúne diferentes gerações da música brasileira em tributo a Cazuza.

Um clássico queer com cópia restaurada

Até sábado (13) a capital paranaense recebe a 15ª edição do Olhar de Cinema - Festival Internacional de Curitiba. O evento conta com 80 filmes na programação. Além de ser o mês do Olhar de Cinema, junho também é o mês do orgulho LGBTQIAP+ e a programação conta com vários filmes com a temática queer, entre os quais "Corações Desertos" com nova cópia restaurada.



Divulgação



Leonardo Feliciano/Divulgação

A série foi produzida teve sua primeira mundial na mostra Generation 14plus do Festival de Berlim, em fevereiro de 2025

Diferentes olhares sobre a vulnerabilidade de jovens

"De Menor - A Série" chega ao Canal Brasil trazendo adolescentes em conflito com a lei e explorando novas linguagens artísticas

Seis episódios de 40 minutos cada chegam ao Canal Brasil no dia 25 com histórias que giram em torno de audiências com adolescentes em conflito com a lei. A cada episódio, "De Menor - A Série", dirigida por Caru Alves de Souza, uma audiência judicial ganha a linguagem de um gênero diferente — um vira musical, outro assume a forma de um programa de TV, um terceiro é tratado como uma conversa em uma sala de jantar chique, enquanto outros dialogam em formato de podcast ou vídeo react. Tudo acontece em um palco de teatro, com suas estruturas à vista, reforçando a ideia de que existe

uma construção social por trás dessas histórias.

O elenco é formado por Benjamín, Giulia Del Bel, Grace Orsato, Luan Carvalho, Taciana Bastos, William Costa e Carlota Joaquina, além de participações de Rita Batata, Giovanni Gallo e Shabazz. A série foi produzida pela Tangerina Entretenimento e teve sua primeira mundial na mostra Generation 14plus do Festival de Berlim, em fevereiro de 2025. Ela dá continuidade ao universo iniciado no longa-metragem "De Menor", lançado por Caru Alves de Souza em 2013.

A proposta narrativa da série amplia o debate sobre as relações entre juventude, vulnerabilidade social e os mecanismos de julgamento presentes na sociedade brasileira. Ao longo dos episódios, temas como desigualdade, violência institucional e exclusão social atravessam as histórias dos personagens.

A escolha por diferentes formatos — musical, talk show, podcast, game e vídeos react — explora diferentes perspectivas e lógicas que existem na sociedade. "A ideia de assumir diferentes formatos veio da necessidade de jogar com diferentes perspectivas e lógicas existentes na sociedade e, consequentemente, no sistema de justiça que está inserido nessa sociedade. O episódio onde uma audiência vira um talk show é exemplar dessa proposta: quantas vezes não vimos o sistema judiciário transferir a responsabilidade do julgamento de uma pessoa à opinião

pública?", explica a diretora.

A série também se destaca pelo processo colaborativo de criação. Caru Alves de Souza ministrou sessões de escrita criativa baseadas em técnicas específicas, reunindo juristas, jovens que já haviam passado por audiências e atrizes da série. "Eu ministrei algumas sessões de escrita criativa, baseadas em técnicas, junto a juristas, jovens que já haviam passado por audiências e algumas atrizes da série. Esses exercícios serviram de inspiração para as escaletas dos episódios, que foram escritas junto a outra roteirista e com a colaboração das mesmas atrizes que estavam nas sessões anteriores", detalha a diretora. O processo continuou nos ensaios, com todos os atores, atrizes e a equipe envolvidos.

A série não oferece respostas definitivas sobre as questões que aborda. Em vez disso, convida o público a refletir sobre as formas de julgamento e punição presentes na sociedade. "Essa série tem uma proposta ousada e estar em um espaço que valoriza propostas que assumem riscos e que respeita a visão das criadoras e sua independência criativa foi fundamental para o processo da série", afirma Caru Alves. A diretora ainda questiona: "A Justiça é igual para todos? Somos realmente imparciais ao olhar para os adolescentes em situação de vulnerabilidade ou já existe uma predisposição para o julgamento e uma indisponibilidade para enxergar a complexidade que existe em relação a essa situação?"

Em busca da calcinha perdida

'Só Percebo Que Estou Correndo Quando Vejo Que Estou Caindo' estreia quarta temporada no palco do Teatro Café Pequeno

O espetáculo trágico-cômico "Só Percebo Que Estou Correndo Quando Vejo Que Estou Caindo", da Cia. dos Trópicos, está de volta aos palcos cariocas para sua quarta temporada. Desta vez, a montagem migra da encenação ao ar livre — que ocupava a Sede Cia dos Atores, na Lapa — para um espaço mais intimista: o Teatro Municipal Café Pequeno, no Leblon, onde fica em cartaz até o dia 23 de junho.

A peça, que mescla elementos



Charles Pereira/Divulgação

A montagem carrega influências do movimento tropicalista e dos cortejos de carnaval, propondo uma experiência lúdica e reflexiva

de teatro de rua, cabaré e palhaçaria, utiliza o humor e o surrealismo para abordar dilemas da vida cotidiana. Na trama, a protago-

nista Mônica (interpretada por Patrícia Bello) inicia uma jornada inusitada após perder sua calcinha, que ganha vida e voa pelos

céus do Rio de Janeiro. A busca pela peça íntima serve de fio condutor para uma reflexão sobre os desafios da geração atual, como a

precarização do trabalho, frustrações afetivas, traumas de infância e a incerteza quanto ao futuro.

Nesta nova versão, a encenação busca um contato direto com o público, convidando a plateia a interagir como se participasse de uma festa ao pôr do sol na praia. A direção e a atuação são assinadas por João Santucci, que divide o palco com Patrícia Bello e a atriz Raquel Monteiro. Segundo o diretor, a proposta da encenação busca "o contato com o outro", valorizando o excesso do corpo e das formas em detrimento de aparatos cenográficos complexos.

A dramaturgia, escrita por Lane Lopes, é inspirada pelo livro homônimo da autora. A montagem carrega influências do movimento tropicalista e dos cortejos de carnaval, propondo uma experiência lúdica e reflexiva sobre o Brasil contemporâneo.

SERVIÇO

SÓ PERCEBO QUE ESTOU CORRENDO QUANDO VEJO QUE ESTOU CAINDO

Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 – Leblon)
Até 23/6, às terças e quartas-feiras (20h) | Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Trama rodrigueana

A peça "A Serpente", de Nelson Rodrigues, segue em cartaz na Cia Dos Atores até quarta-feira (10). Ambientada no Rio de Janeiro de 1978, a obra retrata duas irmãs que vivem com seus maridos no mesmo apartamento e enfrentam uma decisão que altera seus destinos. Dirigida por Anna Helena Madruga, que também integra o elenco ao lado de Carol Matos, Lucas Garbois, Deco Almeida e Gabriel Barreto, a peça aborda temas atemporais - como costuma ocorrer na dramaturgia de Nesson - e relevantes para debate no Brasil de hoje.



Divulgação

No pulsar das palavras

Com atuação de Tuca Moraes e direção de Luiz Fernando Lobo, da Cia Ensaio Aberto, o espetáculo "Palavras" fica em cartaz no Armazém Da Utopia até quinta-feira (11). O trabalho explora o teatro narrativo e épico a partir da literatura de Clarice Lispector (1920-1977), com a atriz conduzida pelo pulsar de palavras, memórias e sentimentos em camadas sucessivas. Intervenções de som e luz do diretor provocam a atriz enquanto a linguagem se constrói diante do público, tornando cada apresentação um experimento único.



Divulgação

Camuflagem social

"O Talento Riple" encerra temporada no domingo (14). A adaptação acompanha Tom Ripley, um jovem que se infiltra na vida luxuosa de Richard Greenleaf em Nova York, transformando admiração em obsessão predatória. Baseado no romance de Patricia Highsmith, com adaptação de Phyllis Nagy e direção de Hugo Bonèmer e Kamilla Rufino, o espetáculo explora a camuflagem social e os desejos de ascensão social. A obra foi adaptada para o cinema em 1999 tendo Matt Damon, Jude Law, Gwyneth Platrow e Cate Blanchett no elenco.

LINHAS DE FUGA

por **ERIK DE CASTRO***



Fernanda Montenegro

Paulo Belote/Divulgação



Tony Tornado

Divulgação

Nas Artes, para citar alguns: Clint Eastwood, Claudia Andujar, Mel Brooks, Laura Cardoso, Othon Bastos, Nathalia Timberg, Tony Tornado, Lima Duarte, Ary Fontoura, Henriqueta Miranda, Fernanda Montenegro, William Shatner, Stênio Garcia, Michael Caine, Woody Allen, James Hong... Veteranos de Guerra brasileiros, também minha praia: Jarbas Dias Ferreira, Geraldo Rodrigues de Oliveira, Agostinho Ferreira da Silva...**

Eles chegaram nos 90+. Persistem. Insistem. Eles... São mais de 800 mil só no Brasil, hoje. Passaram por guerras, momentos da arte, da história e da vida. Eles viram o planeta em perigo, buscaram no vazio, soluções pra viver.

90+.

São vidas, histórias... História de fé. De fé, esperança, num mundo melhor. Um mundo que não viram... Ao contrário, piorou - em muito - de uns anos pra cá.

Eles certamente tentaram, eventualmente falharam, mas na velhice buscaram, aprimorar... Seu pensar e viver.

Eles sobreviveram aos mortos, contaram os corpos. Eles sonharam, sofreram, sorriram, viveram... Prevaleceram até aqui, pra nos ensinar e mostrar que quem vive de passado... É manancial de saber, de quem temos obrigação em querer, ouvir e aprender.

90+

Eles sobreviveram
aos mortos, contaram
os corpos. Eles
sonharam, sofreram,
sorriram, viveram...
Prevaleceram até
aqui, pra nos ensinar
e mostrar que quem
vive de passado... É
manancial de saber

Eles, maravilhosos, sofridos e vividos. Sábios e, sim, alguns não tão queridos... Mas todos, já vencedores. Driblaram a sorte, flertaram com a morte. E por todos, contudo, um século cruzaram como flechas aladas, tomando pancada que a vida nos dá. Em todos se dá...

Eles, heróis do passado, que no futuro chegaram e mesmo cansados - ou não - 100+ topariam... Em corpos baqueados, com 20 se sentem. Amam e fazem, pensam, refletem, sabedoria transbordam prum mundo melhor, pra Todos nós... Por Todos nós.

Ouçá-mo-los!

Nós, as próximas gerações, dos 100, 200+.... O sofrimento será maior, duradouro...?

O vaso, quando não quebra, no fundo é bom, maravilhosa e sabiamente bom.

Na origem, infante ainda, o ser-humano é bom. No ocaso, quem não o foi totalmente em Vida, supõe-se, busca novamente sê-lo...

Aprendamos com eles.

Eles chegaram, saudáveis, vibrantes. Trabalhadores errantes, pensadores refletindo constantes, seu país e o mundo...

Eles, amáveis pulsando, a energia de si.

Eles... Pra sempre eles!

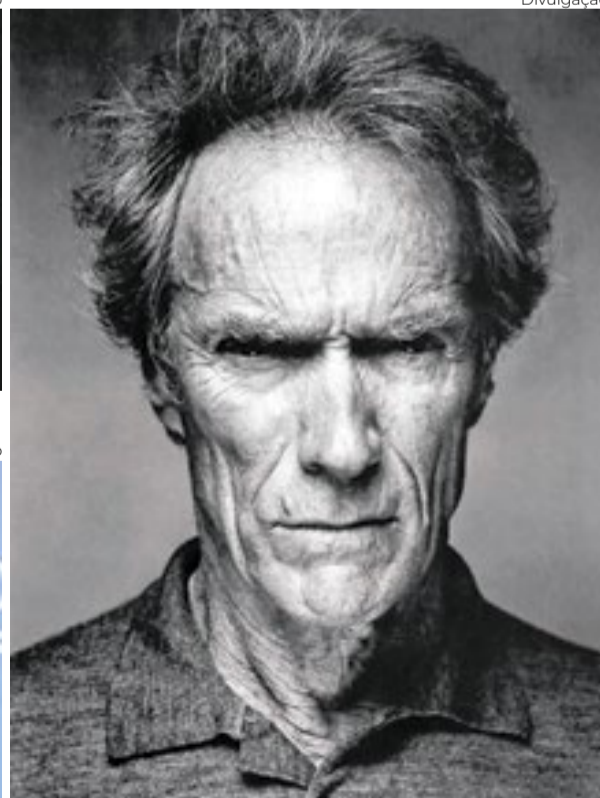
***Cineasta**

****Alguns dos citados são já 100+...**



Othon Bastos

Divulgação



Clint Eastwood

Divulgação



Nathalia Timberg

Divulgação



Woody Allen

Divulgação



Ary Fontoura

Eduardo Knapp/Folhapres